

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM DANÇA

FERNANDA XAVIER VARELLA

TOCAR A SI MESMO E AO OUTRO ATRAVÉS DA DANÇA:

Narrativa das vivências do estágio de docência em dança no ensino fundamental

Porto Alegre

2013

FERNANDA XAVIER VARELLA

TOCAR A SI MESMO E AO OUTRO ATRAVÉS DA DANÇA:

Narrativa das vivências do estágio de docência em dança no ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela acadêmica FERNANDA XAVIER VARELLA, ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Dança. Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Luisa Oliveira da Cunha

Porto Alegre

2013

Fernanda Xavier Varella

TOCAR A SI MESMO E AO OUTRO ATRAVÉS DA DANÇA:

Narrativa das vivências do estágio de docência em dança no ensino fundamental

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms.Luciana Paludo – UFRGS

Orientador – Prof. Ms. Maria Luisa Oliveira da Cunha - UFRGS

Dedico este trabalho à minha família, por me apoiar em toda minha trajetória na graduação e propiciar meus primeiros encontros com o contato corporal e a dança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me proporcionar a oportunidade de ter uma vida tão maravilhosa, mesmo que às vezes eu não a mereça;

Aos meus pais, que apesar da distância entre Tramandaí e Porto Alegre e da minha pouca idade ao passar no vestibular, permitiram que eu ingressasse nesta Universidade, me levaram às primeiras aulas de dança e me influenciaram no gosto por ser professora e querer bem aos meus alunos;

Aos meus irmãos, por terem cuidado de mim com tanto carinho, quando criança e até hoje e por me ajudarem a construir o significado do toque como algo afetuoso;

Aos meus padrinhos, que além de casa, comida e roupa lavada me acolheram como sua filha nestes anos de graduação;

Às minhas queridas sobrinhas, Laura e Rafaela, por me darem alegrias sempre que estão por perto, trocarem carinhos comigo a todo o momento e me permitirem aprender tanto com elas;

À minha avó, que de tanto mimar essa neta fez com que ela quisesse mimar outras pessoas também;

À professora Tânia Peres, que plantou a sementinha do amor pela dança em mim, a vontade de ser professora de dança e a honra de ser sua colega;

À minha orientadora, professora, chefe, amiga e mãe Maria Luisa Oliveira, por dividir comigo minhas alegrias e frustrações, por me proporcionar momentos de aprendizados únicos, por me fazer sujeito de tantas experiências inesquecíveis e me guiar ao longo deste trabalho;

À professora Karen Ibias, por seu cuidado como tia, seu carinho como mãe, seu exemplo como professora, sua solidariedade como chefe, e por hoje me permitir chamá-la de amiga. Por despertar novos sonhos de dança em mim;

À professora Anette Lubisco, por dar-me a honra que eu sequer sonhei de ser sua aluna, por estar comigo em todas as segundas-feiras maravilhosas, por me fazer refletir sobre dança e senti-la como nunca antes;

A todos os integrantes do grupo Tchê-Ufrgs, com quem passei alguns dos melhores momentos de minha vida, com quem dancei em diferentes estados do país, no salão de atos desta universidade, no nunca imaginado por mim, festival de dança de Joinville, por me proporcionarem, através de nossos relacionamentos tantos aprendizados e memórias que jamais serão esquecidas;

À professora Heloísa Bertoli, que me acolheu em suas aulas e me ensinou o que é musicalidade, ritmo, destreza e lateralidade através da experiência corporal;

À professora Luciana Paludo, por me tocar de inúmeras maneiras como intérprete, artista e professora, por sua sensibilidade e paciência, por sempre enxergar o melhor de mim em suas aulas e por me mostrar através do exemplo que dançar é um exercício diário;

Ao professor Jair Felipe Umann, por me proporcionar vivências que fizeram parte indispensável da criação das estratégias de aproximação deste estágio, por estar sempre aberto a ouvir meus relatos das aulas e por ser um professor tão disponível;

Às minhas queridas amigas:

Janine Marques, por me apoiar em todos os momentos em que precisei, nos melhores e naqueles nem tão bons e por permitir que eu fizesse da sua casa a minha;

Ingrid Ferreira, por ser uma amiga tão especial, que cuida de mim, discute, briga, apoia, mas acima de tudo é minha companheira para a vida toda;

Luiza Karnas, por me dar carona sempre que possível depois das aulas, por me aconselhar de maneira tão sensata e me encorajar a sapatear;

Stephanie Cardoso, por ser minha psicóloga, por embarcar comigo na linda viagem deste estágio e por me fazer perceber através do exemplo que não tenho do que reclamar;

Isadora Maia, pelos cafés, pelos sushis, por estar sempre disponível para um diálogo, por se identificar comigo em tantos aspectos, por sofrer junto e rir também;

Juliane de Oliveira, por estar junto mesmo estando longe, desde sempre e para sempre;

Ananda Ayres, por ser minha companheira de conversas, festas, choros, risadas e danças;

Helen Souza, por ter me ajudado com o resumo deste trabalho mesmo estando doente e atarefada;

E por fim, a todos os meus alunos, pela disponibilidade, empenho, colaboração e trocas das quais me permitiram fazer parte, tocando, abraçando, dançando e aprendendo.

Me movo como educador porque me movo como gente. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros. (FREIRE, 2011, p. 92)

RESUMO

A prática do tocar é uma necessidade natural do ser humano, que traz consigo o conhecimento do corpo próprio, a tomada de consciência de outros corpos que o circundam e o cultivo do afeto entre os que estão ao alcance deste corpo. A dança trabalhada no ambiente escolar é um caminho para esta socialização e desenvolvimento social entre os alunos. Entretanto, em minha experiência em ambiente escolar, percebi a dificuldade dos alunos em tocar o outro e notei que alguns professores compartilham dessa restrição à aproximações; assim, comecei a indagar o quanto este distanciamento me parecia estranho. Dessa forma, com o intuito de discutir a relevância do toque no ensino da dança no segundo ano do ensino fundamental, o presente trabalho tem por base a narrativa das vivências recorrentes de meu estágio de docência em dança, que teve o tema do contato corporal como impulsionador das propostas. Minha escolha pela narrativa deve-se ao fato de pensar que este tipo de metodologia permite uma abordagem autêntica e honesta sobre minha pesquisa, a partir de reflexões acerca de meu trabalho e, inseparável deste, de mim mesma. A experiência deste estágio possibilitou a interação proposta entre alunos e entre os alunos e eu, resultando em mudanças no comportamento corporal de forma afetiva, identificado em diversos momentos nas aulas realizadas. Sendo assim, percebo que a dança também pode ser uma maneira de possibilitar a aproximação essencial no desenvolvimento das crianças.

Palavras chave: toque corporal; contato corporal; dança; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

The practice of touching is a natural human need, which brings the knowledge of the own body, the awareness of other bodies that surround it and the growing affection between those who are within reach of this body. The dance, worked in the school environment, is a way for this socialization and social development among students. However, in my experience in the school environment I have noticed the students' difficulty in touching the other and I have also noticed that some teachers share this approach restriction, so I began to wonder how much this distance seemed strange. Thus, in order to discuss the importance of touching in dance education in the second year of elementary school, this work is based on the narrative of recurring experiences of my internship teaching in dance, which had the theme of body contact as booster of tenders. My choice for the narrative due to the fact of thinking that this methodology allows an approach authentic and honest about my research from reflections on my work and, inseparable of this, from myself. The experience of this internship permitted the proposed interaction among students and between students and teacher, resulting in changes in the body behavior in an affectivity way, identifying at various times in the classes. So, I realize that dancing can also be a tool to enable the essential approach in the development of children.

Keywords: body touch; body contact; dance; child development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema de pesquisa	13
1.2 Objetivos.....	13
1.2.1 Objetivo geral.....	13
1.2.2 Objetivos específicos	13
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
2.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA	14
2.2 DANÇA: UNIVERSO INFANTIL E AMBIENTE ESCOLAR	17
2.3 O TOCAR E A CRIANÇA.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
4 TOCAR A SI MESMO E AO OUTRO ATRAVÉS DA DANÇA: Narrativa das vivências do estágio de docência em dança no ensino fundamental	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO A – PLANOS DE AULA	39
ANEXO B - O QUE É DANÇA PARA VOCÊ?.....	59
ANEXO C – O QUÊ É DANÇA?	60

1 INTRODUÇÃO

O ser humano necessita de várias condições favoráveis para que possa viver. As necessidades que possuem propriedades físicas podem ser quantificadas e classificadas. Entretanto, a expansão de nosso campo de reflexão é necessária para a percepção de fenômenos que geram reações que não enxergamos a olho nu, mas que são sentidas diariamente. (KRUG apud CUNHA, 2005).¹

Primeiramente, parece-me ser nosso papel como seres humanos buscarmos sempre aprender a amorosa gentileza. Os desafios de aprender a aprender, aprender a amar e a ser gentil estão conectados entre si e profundamente entrelaçados com o sentido do toque. (MONTAGU, 1988)

O contato corporal é uma necessidade básica que deve ser satisfeita para que o indivíduo desenvolva seus movimentos, gestos e conexões corporais e fazem parte do desenvolvimento normal, ao longo de experiências corporais com relação ao seu corpo e ao corpo do outro (CUNHA, 2005).

Segundo Maturana (2004), o respeito por si mesmo e pelo outro surgem nas relações de aceitação mútua e no encontro corporal. Este encontro corporal, bem como o encontro entre respeito e aceitação, pode acontecer através da dança, pois, o cuidado e o respeito com o corpo, seja o corpo próprio ou o corpo do outro são primordiais para o trabalho em dança (MILLER, 2007).

A respeito da dança, Vianna (apud Miller, 2007, p. 22) ensina que:

Se a dança é um modo de existir, cada um de nós possui a sua dança e seu movimento, original, singular e diferenciado, e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão em que a busca da individualidade possa ser entendida pela coletividade humana.

Dessa forma, as singularidades de cada aluno e a coletividade entre o grupo de alunos podem se estabelecer ao dançar, pois, a partir das ideias de Godoy (2010, p.49) “dançando a criança se expressa criativamente, e isto amplia as possibilidades de interação com o mundo”.

¹ KRUG, R. **Psicologia para leigo**. Porto Alegre: Conceito, 2001

Acredito que pensar a dança no ambiente escolar envolve entendê-la como possibilidade de desenvolvimento do educando em relação à autonomia, socialização, cooperação e capacidades críticas e afetivas (GOUVEIA, 2010).

Reflexões acerca da dança a partir do contexto escolar se fazem presentes em minha vivência como professora, visto que a quantidade de tempo que as crianças passam na escola vem aumentando com o passar dos anos. Assim, os relacionamentos entre iguais tornam-se também cada vez mais importantes para essas crianças (BEE, 2011).

Após algum tempo trabalhando com crianças em aulas de dança dentro do ambiente escolar, percebi a dificuldade destas em tocar o outro. Para Montagu (1988, p. 20), “o amor e a humanidade começam onde começa o toque [...]”. A partir de reflexões, comecei a perceber o quanto este distanciamento entre as crianças me parecia estranho.

Muitas vezes presenciei situações nas quais percebi que a maioria dos alunos não mantém um contato de maior proximidade com grupos distintos (meninos e meninas, ou com crianças que não compartilhem os mesmos interesses), estreitando os laços apenas com alguns (geralmente um) colegas, dos quais geralmente sentem muito ciúmes.

Além desses fatores, notei ainda, que boa parte dos professores dos ambientes que frequento não dá a devida importância ao toque entre os alunos, começando por sua postura de distância do corpo do aluno, sem propor atividades que explorem a aproximação entre os alunos e entre alunos e professor, muitas vezes instigando a separação entre meninos e meninas.

Sobre o tema, Guimarães (2010, p. 13) nos traz que:

A escola/professor (a) lida com a relação de gênero no seu cotidiano, mas na maioria das vezes não percebe suas influências na constituição das subjetividades nas crianças que, em ambiente escolar, quase sempre são separadas entre meninos ou meninas. Nesse sentido, os adultos definem o que pode e o que não pode ser feito pelas crianças de acordo com o gênero de cada uma.

Procurando esclarecer as indagações que surgiram no decorrer dessas reflexões, pretendo mostrar neste trabalho primeiramente minha pesquisa a respeito do desenvolvimento social da criança, da dança no ambiente escolar e da experiência de tocar a si e ao outro através da dança, bem como narrar as vivências propiciadas através de estratégias e atividades de aproximação que envolveram a dança no decorrer de meu estágio de docência, no qual tive como colaboradores os alunos de sete e oito anos da turma de segundo ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt, tendo como intuito discorrer a respeito dos resultados alcançados através de nossas práticas corporais.

1.1 Problema de pesquisa

Qual a relevância do trabalho com o toque no ensino da dança no segundo ano do ensino fundamental?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Discutir a relevância do trabalho com toque no ensino da dança no segundo ano do ensino fundamental.

1.2.2 Objetivos específicos

- Problematizar a relevância do toque para crianças;
- Desenvolver estratégias de aproximação dos corpos através da dança;
- Evidenciar as mudanças de comportamento a partir da experiência proposta.
- Narrar a experiência da prática docente do ensino da dança com a ênfase no toque no segundo ano do ensino fundamental.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA

“Aprendemos a ser humanos: perceber e a vivenciar o mundo dos homens, através da comunidade. Fora de um contexto social não há seres humanos” (DUARTE JUNIOR, 2002, p. 26).

A criança, assim como todo ser humano, é um sujeito social e histórico, faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um dado momento histórico. Este contexto influencia as interações sociais da criança, porém, ela também influencia o ambiente ao seu redor, portanto, o desenvolvimento social é uma evolução da qual a criança é agente ativo (ALMEIDA, 2008).

Nossa capacidade de coexistência social surge à medida que, enquanto crianças, partilhamos de encontros corporais baseados no amor, nos quais ocorre a aceitação do outro. Dessa maneira, o Eu é considerado uma dimensão social humana que se realiza por meio de uma dada corporeidade e surge como entrecruzamento das experiências que constituem comunidades sociais em que esse Eu convive com outros Eus em mútua aceitação (MATURANA, 2004).

A formação social da criança é concebida através da relação com outras crianças ou adultos, pois não há socialização sem convívio social (ALMEIDA, 2008). Nesse sentido, podemos pensar que uma criança chegará a ser, em seu desenvolvimento, o ser humano que sua história de encontros com os seres que a rodeiam permitir, dependendo de como sua corporeidade se transforme nessas interações (MATURANA, 2004).

Assim, vejo a escola como um ambiente que favorece os encontros entre os diversos Eus que a constituem, por acreditar nela como transformadora da sociedade e incentivadora do desenvolvimento infantil.

Os sujeitos da pesquisa se encontram em uma fase de suma importância no desenvolvimento da criança, pela variedade de transformações que nela ocorrem:

A meninice é o período no qual as crianças desenvolvem amizades individuais, separam seus grupos de brincadeiras por gênero, desenvolvem as bases cognitivas de reciprocidade, aprendem o início do que Piaget chama de operações concretas e aprendem algumas das habilidades básicas que serão necessárias para a vida adulta (BEE, 2011, p. 460).

As crianças da faixa etária dos oito anos geralmente tem apenas uma amizade recíproca, entendida aqui como uma amizade em que cada parceiro identifica o outro como amigo. Entretanto, se mostram abertas, cooperativas e realizam tarefas juntas. Porém, esta proximidade com um pequeno número de amigos, facilita os conflitos entre o grupo, podendo a amizade contribuir para a resolução destes (BEE, 2011).

Bee (2011) nos mostra ainda que as noções de como homens e mulheres “deveriam” se comportar estão bem desenvolvidas nessa faixa etária, por exemplo, o conceito de que meninos não dançam e meninas não jogam futebol. Para a autora, esse processo de estereotipagem parece ser totalmente normal e parte da tentativa da criança de criar regras e ordem e de encontrar padrões que guiem seu entendimento e comportamento a respeito de gênero e sexo.

Salienta-se ainda, que as preferências por amigos do mesmo sexo (constituído por aspectos biológicos de masculinidade e feminilidade) são inegáveis e fortemente perceptíveis em alunos do ensino fundamental, sendo que na faixa etária estudada, quase todos os amigos são do mesmo sexo. Estes padrões de interação são reforçados pelo início do entendimento de *gênero*, ou seja, dos aspectos psicológicos e sociais de masculinidade e feminilidade, entendimento este que se inicia também por volta dos oito anos (BEE, 2011).

Nesta faixa etária, a criança pode empatizar, ou seja, igualar ou se aproximar da emoção de outra pessoa, sendo que esta capacidade de entender as emoções e intenções de outros é um elemento importante na competência social geral de uma criança. Quanto menos conhecimento de emoções uma criança tem, mais probabilidade esta tem de ser rejeitada, dessa forma, tendo menos interação social entre seus iguais (BEE, 2011).

Há diferenças nos padrões de amizade com relação às diferenças de sexo. Os grupos de amizade de meninos são mais focados na dominância, nos quais a habilidade de lidar com emoções pode demonstrar fragilidade, ligada a ter menos

amigos. Nos grupos de amizade de meninas, a capacidade de lidar com emoções está intimamente associada a ter maior número de amigas, e nestes grupos se valoriza a obediência, concordância e autorrevelação (BEE, 2011).

Relacionamentos entre meninos são extensivos, no sentido de que estes se mostram mais receptivos a novos membros nos grupos de amigos, brincam mais fora de casa e ocupam um espaço maior nas brincadeiras do que as meninas. Os relacionamentos entre meninas são intensivos, visto que estas são menos receptivas com novas amigas, brincando em pares ou em grupos menores, dentro ou perto de casa e da escola (BEE, 2011).

Na fase escolar, a relação com os iguais leva a criança a desenvolver certos valores antes desconhecidos perdidos em seu egocentrismo, valores como companheirismo, reciprocidade, afeto, intimidade e respeito. As amizades ainda propiciam à criança que esta se sinta inserida no meio social, mesmo que o relacionamento seja limitado a certo número de amigos do mesmo sexo (BEE, 2011).

Pesquisando o desenvolvimento social da criança, confirmo muitas das suspeitas que geraram reflexões a respeito de minhas vivências em ambiente escolar. Dessa forma, esclareço principalmente questionamentos a respeito das escolhas que constituem os pequenos grupos de amizade, seja por interesses em comum ou por diferenciação de sexo, e os considero como características constituintes da faixa etária.

Saliento porém, minha posição de não incentivar essa separação, e sim, dar oportunidade para que encontros entre diferentes grupos de amizade ocorram nas aulas de dança. Insisto nesta ideia principalmente pela grande capacidade de entendimento do outro que os alunos de sete e oito anos apresentam. Yvonne Berge (1983, p. 104) nos mostra que:

Quando o aluno adquire a consciência de grupo, seus encontros, suas relações com os outros, tornam-se muito mais simples. A timidez é superada, perde-se o medo das reservas, e criam-se intensos contatos com o corpo e com os sentimentos do outro.

2.2 DANÇA: UNIVERSO INFANTIL E AMBIENTE ESCOLAR

*“Toda dança promove transformação, logo toda dança é educação”
(STRAZZACAPPA, 2001, p. 44).*

O corpo é um grande responsável pelo desenvolvimento da relação espaço-tempo na criança, é por meio de repetições rítmicas de movimentos espontâneos que as crianças aprendem a se relacionar espacialmente com o universo ao seu redor, bem como a construir sua própria noção de tempo (MATURANA, 2004).

Segundo Strazzacappa (2001), o ser humano age no mundo através de seu corpo e mais precisamente, através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos.

Assim, ao dançar, a criança se expressa criativamente, e isto amplia suas possibilidades de interação. Dançar pode representar uma maneira de conhecer o corpo e integrar-se com o mundo. Nesse sentido, a escola se constitui como possibilidade de espaço a favorecer o contato e a aprendizagem da dança porque nela, a criança é apresentada a diversos saberes, constrói conhecimentos que farão parte de sua vida e de sua inserção na sociedade (GODOY, 2010).

A escola é um importante espaço de sociabilidade entre indivíduos com as mais diversas características, possibilitando através do encontro, o intercâmbio, a problematização, a reconstrução de valores, uma vez que ela se propõe ser um veículo de comunicação dos saberes tradicionais e novos saberes de diferentes áreas do conhecimento humano. Neste contexto, a arte-educação, pode fomentar o debate escolar acerca da importância da valorização da história de vida dos alunos, bem como a prática de comunicação de ideias inclusivas e não discriminatórias (SILVA, 2010).

Sobre o corpo que dança dentro do ambiente escolar, Maçaneiro, (2010, p. 214), mostra-nos que:

Pesquisando o corpo que dança em vários ambientes, pondera-se sobre qual é o corpo do aluno que está no ambiente escolar. Cada

corpo é um corpo próprio, resultante das diferentes atuações que lhe são impostas pela sociedade. O movimento corporal que se inicia, quando nascemos, vai se lapidando conforme vivemos. A criança adquire sua autonomia por meio de suas experimentações, adquirindo mobilidade e liberdade de expressão. A descoberta e a compreensão do corpo iniciam-se pela percepção das sensações que promovem o movimento.

Trazendo-nos sua concepção do trabalho com dança atualmente, Marques (2011) diz que seria interessante, em nossas experiências docentes na área de dança, problematizarmos a possibilidade de viver o momento, de relativizar o tempo [...] de enfatizar a relação corporal consigo mesmo e com o outro.

Segundo Ferrari (2003), a dança no contexto escolar pode ainda preparar o corpo dos alunos a fim de que se movimentem de acordo com suas necessidades, estimulando os movimentos espontâneos e a precisão do gesto, sendo indispensável para o professor agir para que os alunos compreendam o que fazem e por que o fazem, pois o movimento expressivo é, antes de tudo, um movimento consciente.

Em tempo, a dança no contexto escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças, mas também o desenvolvimento de suas capacidades imaginativas e criativas (STRAZZACAPPA, 2001).

Refletindo a respeito das ideias dessas autoras, penso ainda, que o êxito do trabalho em/com dança cruza-se com o objetivo de constituir uma maneira de fazer própria, que seja implicada de tantas outras, na qual é preciso existir o interesse por querer estimular os alunos a participarem dessa dança, ter consciência da heterogeneidade dos corpos que estão envolvidos nela e do espaço-tempo que a circunda.

Acredito que esta heterogeneidade deve ser pensada no âmbito de experiências corporais das quais os alunos foram sujeitos antes de chegar às aulas de dança. “Educadores habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma entidade, portador de um nome, também de uma estória, sofrendo tristezas e alimentando esperanças” (ALVES, 1984 p. 13).

Dessa forma, pensar o corpo dentro do ambiente escolar é um tema cada vez mais relevante, pois segundo Rubem Alves (2002), O principal sujeito da educação é o corpo porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. A inteligência não é nada mais do que um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver.

Ainda sobre o papel da dança na escola, Ferrari (2003, p. 2) nos traz que:

A educação básica necessariamente passa pela prática das Artes; especificamente a dança busca proporcionar ao aluno o desenvolvimento de uma visão mais crítica do mundo, que não se resume apenas ao campo do intelecto; ao contrário, envolve o ser humano de uma maneira integralizada, tal como foi concebido, contribuindo de maneira decisiva para a formação de cidadãos mais críticos e participativos da sociedade em que vivem.

A respeito de minhas vivências em dança, lembro-me que pequenos gestos dançantes, expressões corporais verdadeiras, porém simples e extremamente espontâneas, fazem parte de meus primeiros encontros com a dança; estes, porém, se perdem em minhas memórias, talvez por não serem feitos de movimentos codificados, talvez por terem acontecido somente naquele momento e nunca mais de forma igual. Tento propiciar oportunidades para que lembranças como estas também façam parte da memória de meus alunos.

Tudo o que vivi relacionado à dança torna-se ainda mais significativo com as experiências que vivo em minha prática como docente, pois, a cada dia aprendo mais com meus alunos, fazendo novas descobertas e renovando o que já está dentro de mim.

Descobri a dança como espaço de educação estética, como possibilidade de expressão e de leitura do mundo, como espaço de ampliação do autoconhecimento, e da relação do indivíduo com o outro e com o mundo. Busco por meio da docência em dança a exploração das possibilidades do ser sujeito e a ampliação das formas de relação com o outro (FALKEMBACH, 2012).

O campo da dança percebe e reconhece o ser humano em movimento, em ação, em relação. É um modo de conhecimento complexo que se expressa pela via do movimento (FALKEMBACH, 2012). É um conhecimento sobre o corpo, sobre o sujeito que o corpo humano revela. E é o sujeito que o corpo revela, este que é o

corpo da educação, o corpo disponível para o aprender, o sujeito-corpo que gostaria de despertar em meus alunos, como outros mestres despertaram em mim.

Cada vez mais os conceitos que estudo se entrelaçam e formam novas ideias e entendimentos em meu corpo. Independente do estímulo que me motiva a trabalhar com dança(s), sei que algo me motiva a fazê-lo, mesmo que exista de maneira inconsciente. A motivação desse querer/fazer arte vem de um algo a mais, de uma inspiração, de uma vontade de fazer algo que seja novo, de maneira amorosa, para meus alunos, para mim e em mim.

2.3 O TOCAR E A CRIANÇA

“Do coração vem o amor e do amor vem o contato. Por favor, me toque” (DAVIS, 1991, p. 17).

De acordo com o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa (2009), *toque* é o ato ou efeito de tocar; contato. *Contato* é a relação de aproximação entre dois ou mais corpos, toque. Para tanto, neste trabalho optei por usar os dois termos como iguais, entendendo que estes se referem à relação satisfatória entre peles.

A impessoalidade da vida no mundo ocidental chegou a tal ponto que, enfim, produzimos uma raça de intocáveis. Tornamo-nos estranhos uns aos outros, não só evitando todas as formas de contato físico “desnecessário”, como ainda precavendo-nos contra as mesmas; figuras anônimas num cenário atulhado, pessoas sem rosto, solitárias e temerosas da intimidade. [...] Devido ao fato de sermos intocáveis, não conseguimos criar uma sociedade em que as pessoas se toquem ainda em mais sentidos do que no físico (MONTAGU, 1988, p. 19).

Como venho dizendo no decorrer do trabalho, preocupo-me com esta impessoalidade que vem tomando conta de nós, tornamo-nos cada vez mais alheios ao outro, ao corpo do outro, à história do outro.

Nossa consciência social limita o contato físico a ocasiões simbólicas e socialmente aceitáveis. Muitas pessoas pensam que tudo o que vai além do tapinha nas costas ou do aperto de mão tem implicações sexuais (DAVIS, 1991).

Acabamos ensinando um distanciamento gerado por esta “consciência social” aos que deveriam ser próximos de nós, nossas crianças, nossos alunos, que negam

seu corpo e o do outro, sujeitando-se apenas a relações superficiais entre iguais, nas quais as formas de tocar o outro não são pensadas de maneira afetiva.

Tomo aqui a palavra tocar, no mesmo sentido em que Ashley Montagu (1988, p. 378) a traz: “o contato satisfatório ou a sensação satisfatória da pele de outra pessoa ou a própria. Tocar pode acontecer como acariciar, afagar, segurar, alisar [...], ou variar desde um simples contato corporal até a maciça estimulação tátil”.

Acredito ser preciso ainda, aprender o respeito e o contato com o corpo próprio. Este vínculo com o próprio corpo é a base dos vínculos com as outras pessoas, sendo que o contato corporal é a base das sensações positivas a respeito de si mesmo, em tempo, a fonte da autoestima é o amor (MONTAGU, 1988).

Neste sentido, Davis (1991), mostra-nos que o amor é uma emoção poderosa, e o contato físico também é poderoso. Tocar é amar [...] O contato físico é contagioso. Que vírus maravilhoso esse!

Sobre o amor, Humberto Maturana (2004, p.127) nos traz que:

O amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humanos ou não. A biologia do amor é fundamental para o desenvolvimento de todo ser humano individual.

Assim, “a pessoa não amada, de qualquer idade, tem probabilidade de ser uma entidade muito diferente da que foi adequadamente amada” (MONTAGU, 1988, p. 197). Em minha concepção, é necessário trabalharmos o toque associado à afetividade e, assim, ao amor. Ainda, é necessário trabalharmos como professores com amor. Trabalharmos com amor. Relacionarmo-nos uns com os outros com amor. Enfim, vivermos com mais amor e tocarmo-nos mais.

A Afetividade, base do psiquismo, é a parte mais abrangente da atividade pessoal, o que há de mais fundamental na conduta e reações individuais. Ela está no domínio da sensibilidade corporal física interna e externa. Abrange as sensações corpóreas dos órgãos internos e a sensibilidade tátil, até a interpretação subjetiva das vivências, conscientes ou inconscientes, dependendo de características pessoais do humor e temperamento (DAVIDOFF,

apud CUNHA, 2005, p. 44) ².

É através do reconhecimento do outro que a pessoa vai se constituindo pouco a pouco, pois é nas relações de afetividade com o outro que ocorre o descobrimento de si mesmo. Neste relacionar-se, há experimentações de diferentes sentimentos, através do contato corporal, que servirão de base para a constituição das emoções da idade adulta (CUNHA, 2005).

Segundo Yvonne Berge (1983), os educadores devem revelar às crianças a imagem corporal através da vivência sensorial. Assim, o contato pela carícia, pela manipulação, pela massagem, pela confrontação com objetos ou seu uso e principalmente o contato com o outro têm muita importância para a criação da imagem de si mesmo.

Montagu (1998) ainda nos traz a ideia de que a interação dos jovens entre si é de considerável relevância para o crescimento e desenvolvimento social da criança, pois é no dar-receber que acontece entre iguais, que as crianças experimentam testam e aprendem muitas das modulações do comportamento interpessoal.

Em tempo, quanto aos efeitos benéficos do tocar o autor ainda mostra-nos que: “Quando o afeto e o envolvimento são transmitidos pelo tato, são com esses significados, além do provimento de segurança através de satisfações, que o tato passará a estar associado. Este é o significado humano de tocar.” (MONTAGU, 1988. p. 379).

Dessa maneira, evidencia-se o fato de que “existem diferenças bioquímicas e psicológicas entre os seres humanos que se beneficiaram de uma estimulação tátil adequada e os que não se beneficiaram” (MONTAGU, 1988, p. 197).

A prática do tocar, por todos os motivos já expostos no decorrer de minha escrita, surge assim como emergência, considerando-se a necessidade natural que temos de tocarmo-nos uns aos outros, e os benefícios que este toque pode trazer consigo, principalmente no que diz respeito a conhecermo-nos e cultivarmos o amor entre os que estão ao alcance de nosso corpo:

² DAVIDOFF, L. **Introdução a psicologia**. São Paulo: MC Graw-Hill do Brasil, 1983.

A linguagem dos sentidos, na qual podemos ser todos socializados, é capaz de ampliar nossa valorização do outro e do mundo em que vivemos, e de aprofundar nossa compreensão em relação a eles. Tocar é a principal dessas linguagens. As comunicações que transmitimos por meio do toque constituem o mais poderoso meio de criar relacionamentos humanos como fundamento da experiência (MONTAGU, 1988, p. 19).

Creio que toda experiência que passa pelo corpo adquire um significado ainda maior do que aquela que apenas foi dita, assim, “o que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado” (ALVES, 1984, p.40).

O trabalho com dança surge então, como possibilidade para colocarmos o tema do contato corporal e da afetividade em foco, dentro do ambiente escolar, pois, como aponta Gouveia (2010) a dança trabalhada na escola, com liberdade e prazer, despertando nas crianças sua parcela de compromisso e atuação pode apontar resultados de progressos no desenvolvimento do educando como autonomia corporal e intelectual, socialização, bem como estimulação e desenvolvimento das capacidades críticas e afetivas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consiste metodologicamente de uma narrativa, a qual se baseia em trabalhos desenvolvidos em aula (tais como desenhos), diário de campo da pesquisadora acerca das vivências docentes do semestre, bem como em vídeos e fotografias de atividades propostas em aula.

A respeito desta metodologia de pesquisa, Josso (2012) traz a ideia de elaborar a sua narrativa de vida e a partir dela compreender o que foi a sua formação, para trabalhar na organização de materiais a fim de construir uma história é fazer entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade.

Minha escolha pela narrativa deve-se ao fato de pensar que este tipo de metodologia permite uma abordagem autêntica e honesta sobre minha pesquisa, a partir de reflexões acerca de meu trabalho, e, inseparável deste, de mim mesma.

Creio que a reflexão é um caminho que leva consigo a sensibilidade, a qual não posso separar de um trabalho que será pensado através da aproximação, entre corpos, e conseqüentemente, entre afetos. Ao mesmo tempo é fascinante perceber que, através de experiências pessoais é possível contextualizar meu trabalho acadêmico.

Sobre o tema, Silva, Diehl e Molina Neto (2010) ensinam que através da narrativa, o sujeito reorganiza e confere sentido particular a experiência. A experiência é entendida aqui no sentido de “passagem da existência de um ser [...] que simplesmente existe de uma forma singular, finita, imanente e contingente” (BONDIA, 2002, p.25).

A fim de discorrer a respeito das experiências recorrentes do primeiro semestre deste ano, optei pela narrativa para registrar as oportunidades de aproximação entre os alunos, que ocorreram através de estratégias e atividades que envolvem a dança, contando com os alunos do segundo ano da Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt como sujeitos e colaboradores da pesquisa. As práticas narradas são provenientes do estágio de docência em dança no ensino fundamental.

4 TOCAR A SI MESMO E AO OUTRO ATRAVÉS DA DANÇA: NARRATIVA DAS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL

“É preciso recordar que ninguém consegue encontrar-se a si mesmo senão começando a descobrir-se em outros” (PAREYSON, 1997, p. 170).

Esta narrativa tem por base as vivências do estágio de docência em dança no ensino fundamental realizadas na escola estadual de educação básica Presidente Roosevelt, localizada no bairro Menino Deus, em Porto Alegre. A escolha do tema deste estágio surgiu da necessidade que penso ser inegável, de trabalhar com o toque dentro do ambiente escolar e problematizar as relações de proximidade entre os corpos.

Como tudo começou...

Quando escolhi o tema *tocar* como fio condutor de meu estágio de docência no ensino fundamental, pensei ser essa a primeira vez em que vi o contato corporal como algo a ser destacado dentro de minhas aulas, ou pelo menos, a primeira vez em que enxerguei minha relação estreita com a questão do toque.

Em minha apresentação do relatório desse estágio, notei que minha escolha pelo trabalho com o toque começou desde meus primeiros contatos com crianças, como parente, amiga ou professora. A afetividade sempre foi muito expressada corporalmente em minha família, cujos membros gostam muito de trocar carinhos, abraços e massagens.

Refletindo sobre o tema, percebi que na verdade, minha primeira escolha consciente pelo *tocar*, foi em meu primeiro estágio de docência na graduação, que realizei no *Centro de integração da criança especial*, no qual tive a oportunidade de trabalhar com crianças com deficiências múltiplas, com as quais só consegui realizar um trabalho satisfatório através do contato corporal, de experimentações táteis de temperatura, espessura e textura. A partir daí, comecei a perceber que jamais conseguiria trabalhar de novo sem pensar no contato.

Comecei então a trabalhar como monitora do grupo de extensão TCHÊ – UFRGS, dando aula de dança gaúcha para crianças participantes do projeto Quero-querer. Como trabalhar com danças de pares sem o toque? Comecei então, a

desenvolver diversas estratégias para aproximar o grupo, que de início resistia a tocar uns nos outros.

No semestre seguinte, então, resolvi escolher dessa vez o trabalho com o toque desde o início, por acreditar que, independente do grupo com que se está trabalhando a aproximação é algo desejável em minhas aulas e que, se fosse necessário, mudaria o foco no decorrer destas.

Quando formamos as duplas de professoras de dança que trabalhariam neste estágio, minha colega, Stephanie Cardoso, concordou em trabalhar comigo e se propôs a me ajudar em minhas aulas com foco no contato corporal. Então, na turma em que ela era a professora titular, também resolvemos trabalhar com o mesmo tema.

Surpreendi-me quando fui até a escola para observar três aulas antes de o estágio começar efetivamente. Encontrei uma turma de alunos que não conversavam entre si, que não olhavam para os colegas, e, com certeza, tocavam-se muito pouco dentro de sala de aula. Devido ao pouco tempo de observação, acabei não concluindo o porquê deste fenômeno de impessoalidade entre os alunos dentro de sala de aula. Talvez um misto de inibições provenientes da sociedade, daquele ambiente escolar, de atitudes da professora e de restrições que os próprios alunos trazem consigo.

Assim que comecei a trabalhar com essa turma, sabia que estava indo pelo caminho certo, pois os alunos, quando chegaram à minha primeira aula, não queriam/conseguiam sequer dar as mãos para seus colegas para fazer uma roda. A partir desta aula, soube do desafio que seria trabalhar com o meu desejado tema, porém, também soube da importância que ele poderia ter na vida daqueles alunos.

Como ocorreram as aulas...

O estágio tem caráter obrigatório e faz parte do sétimo semestre da graduação em dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela professora Lisete Vargas.

Os sujeitos e colaboradores desse estágio encontram-se no segundo ano do ensino fundamental e têm idade entre sete e oito anos, sendo doze meninas e doze meninos, da turma 4, tendo como professora a pedagoga Simone.

As aulas ocorreram na própria escola, em uma sala mediana (aproximadamente 5x8m), que já era utilizada para aulas de dança, com piso de madeira e som cedido pela coordenadora.

Os encontros aconteceram duas vezes na semana, no período de abril a junho de 2013, sendo que cada aula teve duração de 40 min, e foram ministradas logo após a aula de educação física, o que por vezes atrapalhou no sentido de que as crianças chegavam à sala bastante agitados e/ou cansados.

As aulas de dança tiveram por objetivo propiciar aos alunos vivências em dança relacionadas com o contexto do ensino fundamental, bem como promover o contato corporal utilizando atividades rítmicas e expressivas. As propostas das aulas envolveram brincadeiras, jogos, improvisações e pequenas criações próprias dos alunos possibilitando a introdução destes no universo da dança. Reafirmando os ensinamentos de Godoy (2010) ao dançar, a criança se expressa criativamente, e isto amplia suas possibilidades de interação. Acreditando na escola como um espaço de possibilidades de contato entre os alunos, e na dança como possibilidade para trocas e aproximações, iniciei meu trabalho com a turma.

Iniciei o trabalho na turma com uma aula de apresentação, socialização através de atividades lúdicas (ANEXO A), visando a todo o momento, oportunidades que gerassem o toque, tal como, fazer a roda de mãos dadas, passar a vez para o colega encostando-se a ele, bem como a sondagem do que eles pensavam e sabiam sobre dança, sendo que a maior parte dos alunos respondeu que não conhecia nada sobre dança ou não lembrava naquele momento, exceto aqueles que já tinham alguma experiência anterior com dança dentro de sala de aula, devido a projetos de inserção da dança no ambiente escolar, que responderam citando alguns estilos específicos de dança e de música.

Nesta aula, houve certa resistência dos alunos em tocarem os colegas, principalmente no momento de dar as mãos para se fazer a roda, sendo que assim que foi pedido para que dessem as mãos muitos alunos trocaram de lugar para não tocar em certos colegas e sim em outros, confirmando o que Bee (2011) nos traz sobre as crianças desta faixa etária terem apenas uma ou duas amizades recíprocas. Ainda percebi nesta aula agitação da parte da maioria dos alunos, que teve dificuldade de ficar em silêncio quando era necessário, bem como parar para

conversar sem que todos falassem ao mesmo tempo; parte dessa inquietação deve-se ao fato de que os alunos saíam da aula de educação física diretamente para a aula de dança e, talvez, pelo comportamento da própria turma.

Visando ampliar a reflexão a respeito da dança para a turma, pedi um “tema de casa”, tratava-se de um desenho em que representariam através da imagem a resposta para a seguinte questão: “*o que é dança para você?*”, o resultado deste trabalho foi muito positivo, pois através dos desenhos a inibição de responder a questão sumiu e os alunos expressaram-se livremente para respondê-la, cada um a sua maneira (ANEXO B). Quando vi os desenhos feitos por eles, relacionei aos pensamentos de Miller (2007), vendo as singularidades de cada aluno expressadas em forma de arte, desta vez, arte visual, à individualidade do trabalho feito em cada desenho, fez-me refletir a coletividade do que a turma pensava ser dança. A partir disso, tomei a decisão de que no final deste estágio gostaria de construir um conceito coletivo de dança com os alunos, vendo o que ficou desta primeira impressão e ressignificando o conceito individual inicial baseado nas vivências do semestre.

Depois desta primeira aproximação, realizamos uma semana de trabalhos do que eu chamei de *contextualização em dança: conhecendo meu corpo e minha história*, optei por utilizar postais de dança distribuídos pelo *Centro de memória do esporte* e outros distribuídos pelo *Centro municipal de dança* para realizar uma contação da história de algumas figuras importantes na dança, do passado e da contemporaneidade. Utilizando-se destes postais, pudemos ter uma primeira conversa com nosso corpo, antes de conversações mais intensas com os corpos dos colegas, experimentando movimentações baseadas nos postais como forma de criar nosso próprio repertório.

Nesta semana algumas barreiras foram vencidas, pois antes de iniciar com o plano da aula, iniciei a proposta de fazer uma volta à calma após a aula de educação física, da qual os alunos ainda chegavam muito agitados. Posteriormente, esta proposta passou a integrar os planos de aula, no sentido de sensibilizarmos o corpo para as atividades que viriam, através de relaxamentos como massagens em si mesmo e respirações em conjunto.

Pensando na ideia que Yvonne Berge (1983) nos traz sobre o dever dos educadores em revelar às crianças um mundo de contatos e vivências sensoriais através do tocar-se a si mesmo, a objetos e ao outro, é que propus esta pequena introdução à aula de dança como motivo de sensibilização e de preparação ao nosso trabalho.

Após este processo de (re) conhecimento do corpo próprio, que, diga-se de passagem, perdurou por todo o período de estágio e possivelmente reverberará por toda a vida, iniciamos vivências que possibilitaram uma aproximação mais apurada entre os alunos. Isto foi possível através das atividades que acabam por facilitar este encontro entre seus participantes, mesmo que de maneira sutil, período este que chamei de *(re) conhecendo o corpo do outro*.

Esta fase do estágio de docência contou com atividades de espelho (ANEXO A), na qual um é levado a prestar atenção no corpo do outro e levá-lo em consideração para fazer a sua parte na atividade. Perdurava ainda a vontade dos alunos em fazer as atividades em dupla quase sempre com os mesmos colegas, o que por um lado era bom, pois ali estavam estreitando-se laços, por outro limitava a socialização destes a apenas uma ou duas pessoas em certas propostas.

Ocorreram também troca de carinhos (ANEXO A) em um primeiro momento, das professoras com os alunos, como forma de relaxamento no final das aulas, o que mais tarde começou a ser a parte preferida dos alunos em aula, no sentido de proporcionar a aproximação entre as professoras e os alunos, em uma atividade em que eles deitavam-se no chão, fechavam os olhos e recebiam carinho. Porém, no primeiro contato com esta atividade, alguns alunos sentiram-se incomodados, faziam algumas caretas quando tocados, demonstravam este incômodo também através de tensões no corpo quando tocados pelas professoras. Senti que deveria haver certo investimento de tempo nesta atividade.

Posteriormente, na mesma atividade propus a alguns alunos que ficassem em pé, junto com as professoras e também fizessem carinho nos colegas que estavam deitados, revezando entre receber e dar carícias nos colegas. Os alunos nomearam esta atividade de *soninho*, pois quando deitavam e recebiam as carícias diziam que ficavam relaxados e com sono, então, mesmo nas aulas em que esta atividade não havia sido prevista, os alunos me pediam para fazê-la como

finalização da aula, perguntando-me “nós não vamos dormir hoje”? Então, esta passou a ser uma proposta recorrente em todas as aulas em que eles manifestavam sua vontade em participar dela.

Este momento em que os alunos começaram a pedir para participar das atividades em que precisavam tocar e trocar com os colegas lembrou-me das afirmações de Bee (2011) com relação aos relacionamentos infantis, que levam a criança a desenvolver valores como reciprocidade, afeto e intimidade. O desenvolvimento destes valores explicitou-se nos pedidos de atividades que necessitavam de envolvimento entre os participantes.

Ainda nesta fase do estágio foram feitas brincadeiras de marionete, nas quais um é manipulado pelo outro; bem como tomadas de consciência do corpo do outro através de atividades de mímica (ANEXO A).

Após estes primeiros contatos com os corpos dos colegas, iniciamos, em minha opinião a fase mais importante deste trabalho, a que chamei de: *reconhecendo-me no corpo do outro*. Percebi que cometi um erro com relação ao planejamento global deste estágio: o conhecimento do próprio corpo não poderia estar à frente do conhecimento do corpo do outro, confirmando o que Cunha (2005) nos traz, pois é através do reconhecimento do outro que a pessoa vai se conhecendo, bem como nas relações de afetividade com o outro é que ocorre o descobrimento de si mesmo. Assim, foi nas relações entre colegas que cada um também conheceu melhor seu próprio corpo, descobrindo-se assim, no outro.

Ainda neste sentido, penso no que Falkembach (2012) nos traz sobre a dança reconhecer o corpo humano em relação - e penso ainda que o autoconhecimento se constitui na relação do indivíduo com o outro e com o mundo. Sendo assim, o (re)conhecimento do corpo próprio não poderia estar separado do (re)conhecimento de outros corpos.

Nesta fase, então, senti que todos já estavam preparados para aproximações mais intensas entre si, sem que precisassem de estratégias específicas para se chegar ao encontro do outro. A partir deste momento não precisamos mais de “maquiagem” para tocar o outro, no sentido de propor uma atividade que disfarçasse o tocar entre os alunos, porque o contato corporal já era algo desejado por eles,

quando pediam para que fizéssemos massagens, quando se tocavam espontaneamente no decorrer de intervalos de aula e quando perguntavam se faríamos alguma atividade específica, como o soninho.

Teve início, nesta fase, a ampliação das interações entre a turma, sendo que agora os alunos faziam as atividades com qualquer colega que estivesse próximo a si, sem escolher um colega específico para todas as atividades nem reclamar quando outro colega, que não era o seu melhor amigo o escolhia como dupla, fato que era recorrente no início de nosso trabalho, agora eles aceitavam o pedido de formar grupos com solidariedade, tendo consciência de que se acolhessem também seriam acolhidos pelo grupo.

Ainda neste estágio, propus atividades com balões, em que precisaríamos um do corpo do outro para manter o balão estabilizado (ANEXO A), aqui eu já expressava em minha fala o tocar, o cuidado com o corpo do outro, e a necessidade de cooperação para que a proposta ocorresse, não havia mais estratégia ou disfarce, havia o contato corporal, e os alunos tinham consciência disso.

Ainda nomeamos e tocamos diferentes partes dos corpos dos colegas (ANEXO A): esta aula foi observada por duas pessoas estranhas à turma fato que gerou certa agitação na sala, por esta ser pequena e ter quatro pessoas de fora das atividades (contando com a professora da turma e minha dupla, ajudando).

Entretanto, as atividades foram interessantes e os alunos, no geral, aproveitaram a aula com diversão. Tive que chamar três alunos (Nicolas, João e Luan) para conversar individualmente depois da aula, pois creio que em função de estarem sendo observados, queriam a todo instante chamar a atenção, atrapalhando assim, seus colegas.

Nas aulas seguintes os alunos começaram a trocar carinhos entre si, nos momentos propostos por mim e espontaneamente, nas entradas e saídas de aula de dança, em rodas de conversa falavam de mãos dadas ou deitadas no colo um do outro, já não entravam nem saíam da sala de aula sem beijar as professoras e abraçá-las.

Neste período, em que totalizamos um mês e meio de aula, já era visível a aproximação gerada entre os alunos antes e depois das aulas de dança, durante a

explicação de alguma atividade, alguns ficavam de mãos dadas, outros deitavam a cabeça no colo do colega, cenas que aparentemente não faziam parte daquele ambiente antes de nossos encontros terem início. O mais importante para mim nestas demonstrações de afeto foi justamente o fato do contato entre os alunos acontecer agora de maneira carinhosa, pois antes, além de estarem alheios ao outro dentro de sala de aula, no intervalo da aula muitos batiam nos colegas, puxavam cabelo um do outro, empurravam uns aos outros; talvez como maneira de suprir a necessidade de contato com outra pele que todos nós temos.

Foi então que teve início algo não planejado previamente, mas que a necessidade impulsionou e foi fator gerador de muitas ideias construídas, principalmente pelos alunos dentro de sala de aula, com o objetivo final de montar uma estrutura coreográfica para apresentar para o outro segundo ano. Teve início a quarta e última fase de nosso estágio, *criando dança(s) juntos*.

Os alunos em um primeiro momento mostraram-se agitados com a proposta de apresentação final, mas demonstraram querer participar. O início de criação coreográfica foi difícil, pela administração de toda a energia criada pela proposta.

Nesta fase, pensamos o tocar como motivo coreográfico, e utilizamos dentro da estrutura da aula atividades que posteriormente seriam parte da coreografia final, tais como composições através de imagens (ANEXO A); grudados (ANEXO A); passeio pelos níveis espaciais (ANEXO A); brincadeiras com qualidades de movimento (ANEXO A), sendo que todas essas propostas foram utilizadas como repertório tanto para a parte “codificada” da coreografia como para pedaços de improvisações de cada aluno dentro de uma estrutura coreográfica simples.

Em nenhum momento pensei nenhuma das fases como limitadoras, mas sempre como uma nova fase agregada as antigas, então nada do que foi trabalhado foi descartado em nenhum momento, culminando assim na estrutura coreográfica a ser apresentada no último dia de aula.

Chegando ao final do terceiro mês de aula, pensei estar faltando propor algumas vivências com a turma, então, continuei ensaiando nossa estrutura, e propondo algumas atividades que pensei serem indispensáveis, como a exploração da sala com vendas (ANEXO A), atividade em que um guia deveria levar o colega

com venda para explorar a sala, guiando-o cuidadosamente nesta exploração do espaço, sendo que a comunicação entre os dois ocorria pela via do contato corporal, pois uma das regras era que não poderíamos conversar durante a atividade. Esta proposta gerou muita cumplicidade entre as duplas, pois ocorreu a entrega da pessoa que estava sendo guiada ao outro, e responsabilidade da pessoa que estava sendo guia naquele momento, esta cumplicidade também se deve ao fato de que todos sabiam que os papéis se alterariam posteriormente, então colaboramos uns com os outros em ambos os momentos. Também participei desta atividade como aluna, pois naquele dia tínhamos número ímpar de participantes e acabei entrando na atividade para formar uma dupla, o que de certa forma me fez notar a proposta de outro ponto de vista, o ponto de vista de quem estava dentro da atividade, vivenciando-a e trocando juntamente com os outros participantes.

Outra atividade que considero muito importante neste período é a roda do abraço, a qual quando perguntados, os próprios alunos relataram que pensavam que esta atividade teria como fim o respeito pelos colegas, e entendiam que não se poderia reclamar ao dar um abraço apertado em alguém, pois iríamos ferir esta pessoa; então, mesmo com alguma restrições neste sentido no primeiro contato com a proposta , (pois algumas vezes os alunos queriam escolher quem abraçar e se incomodavam em abraçar certos colegas que estavam sentados à sua volta, por não serem amigos tão próximos), combinamos que este abraço seria acolhedor e que deveríamos trocá-lo com quem estivesse sentado próximo a nós, naquele momento. Essas foram duas das atividades mais emocionantes do semestre, sendo que foi lindo ver um cuidando do outro para guia-lo pela sala, naquela atividade e o abraço verdadeiramente carinhoso construído e oferecido nesta última.

Visivelmente os alunos também sentiram a diferença de suas atitudes antes e depois do contato com a dança trabalhada pelo olhar do toque, pois, quando indagados no final do semestre novamente, sobre *o que é dança para você?* (ANEXO C), com o intuito de criar um conceito coletivo de dança entre a turma, as primeiras respostas que vieram à tona foram: dança é cuidar dos colegas, respeitar os outros, respeitar a si mesmo, bem como a lembrança de atividades pontuais feitas em aula. Neste momento de finalização refleti sobre a dança como possibilidade de contatos, de carinho, de afeto, e fiquei satisfeita por ter conseguido proporcionar momentos em que houve a transmissão de afeto pelo contato, como

bem nos traz Montagu (1988) quando participamos de momentos como estes, é a este tipo de sentimento que associaremos o toque, dessa forma, o significado que daremos ao contato será o do carinho e do envolvimento.

Durante o semestre, as práticas tiveram caráter exploratório, de modo a gerar descobertas em seu decorrer. Dessa forma, as atividades ocorreram de maneira bastante flexível, e, de acordo com as respostas da turma as dinâmicas puderam ser modificadas e a abordagem do conteúdo adaptada. As estratégias de aproximação possibilitaram interações entre a turma e considero relevantes as vivências experienciadas no semestre.

A experiência deste estágio possibilitou uma interação maravilhosa entre alunos e entre os alunos e eu. De todas as sementinhas que poderia ter plantado, se há uma semente que sinto que semeei, foi a do amor, a afetividade esteve presente em todos os momentos de nossas práticas. E só confirmei a relevância do trabalho com o contato corporal e afetivo dentro das minhas aulas como professora de dança, a cada vez que vi um aluno cuidando do outro, abraçando o outro, trocando palavras de carinho e compreensão.

As experiências vividas neste estágio possibilitaram a realização de muitas das minhas expectativas, pois o contato e a socialização pretendidos foram alcançados, por todos os alunos. Cada um ao seu tempo, em algum momento tocou e se deixou tocar, trocando, dessa forma, informações que só o corpo é capaz de entender.

Muitos encontros e aprendizados que jamais imaginei que ocorreriam aconteceram, o que tornou este trabalho ainda mais enriquecedor e realizador, por ter gerado grande cumplicidade entre todos os participantes.

Este estágio oportunizou aprendizados e reflexões a respeito do tocar dentro do ambiente escolar muito significativos para mim, e percebo, pela participação e interesse, que reciprocamente, para os alunos. Penso serem eles os principais personagens deste estágio, pois graças à sua disponibilidade, à sua vontade e à sua participação alcancei a realização de um trabalho pensado pelo viés da afetividade e realizado com amor.

O amor é contagioso. O contato físico também. Que vírus maravilhoso esse (DAVIS, 1991)!

Amor transmitido através do corpo. Espero, pelas cenas que presenciei durante e depois das práticas de meu estágio de docência em dança no ensino fundamental, olhinhos brilhando e braços abertos para abraços e carinhos, que o toque seja transmitido com esse sentido, por todos aqueles que estiverem ao alcance do corpo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do tocar é uma necessidade natural do ser humano, que traz consigo o conhecimento do corpo próprio, a tomada de consciência de outros corpos que o circundam e o cultivo do afeto entre os que estão ao alcance deste corpo. A dança trabalhada no ambiente escolar é um caminho para esta socialização e desenvolvimento social entre os alunos.

Pude perceber o funcionamento das propostas que envolveram o contato corporal e afetivo através das atitudes dos meus alunos, a cada vez que vi, em propostas feitas em aula, com o objetivo de aproximação, um aluno cuidando do outro, abraçando o outro, trocando palavras de carinho e compreensão.

Vejo a dança como possibilidade de contatos, de trocas, de aproximações, de carinhos, de afeto, e fiquei satisfeita por ter conseguido proporcionar momentos em que houve a transmissão deste afeto através do toque trabalhado pelo viés da dança.

As vivências deste estágio possibilitaram a realização de algumas das minhas expectativas, pois o contato e a socialização pretendidos foram alcançados, por todos os alunos. Cada um ao seu tempo, em algum momento tocou e se deixou tocar, dançando e trocando dessa forma informações que só o corpo é capaz de entender.

Amor transmitido através do corpo. A expectativa é que depois dessas vivências, o toque seja transmitido com esse sentido, pelos alunos que participaram deste estágio, para aqueles que estiverem ao alcance de seus corpos.

A experiência deste estágio possibilitou a interação proposta entre alunos e entre os alunos e a professora, resultando em mudanças no comportamento corporal de forma afetiva, identificado em diversos momentos nas aulas realizadas. Sendo assim, percebo que a aula de dança pode ser um momento na educação das crianças que possibilite a aproximação essencial no desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gizela. A infância: *A socialização e o brincar da criança*. In: **Revista eletrônica Faculdade Montes Belos**, São Luis de Montes Belos, v. 3, n. 1, ago. 2008. Disponível em: <http://www.fmb.edu.br/revista/volume3_n1_es.php>. Acesso em: 3 nov. 2013.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papyrus, 2002.
- BEE, H; BOYD, D.. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BERGE, Yvonne. **Viver o seu corpo: Por uma pedagogia do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.
- CUNHA, Maria Luisa Oliveira da. **Efeitos da técnica de relaxamento de Leon Michaux na conduta corporal de crianças com 3 anos: Expressões afetivas no relacionamento com suas mães**. 2005. Dissertação (Mestrado). Córdoba: Faculdade de Medicina: Universidade de Córdoba, 2005.
- DAVIS, Phyllis. **O poder do toque**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- FERRARI, Marina. **Por que dança na escola?** Curitiba, 2003. Secretaria da educação do estado do Paraná. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/arquivos/File/textos/porque_danca_na_escola.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- GODOY, Kathya Maria Ayres de. A dança, a criança e a escola: como estabelecer essa conversa. In: TOMAZZONI, Airton *et al.* (org.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010, p. 47-56.
- GOUVEIA, Ana Lucia Victorasso. Laban. O ensino da dança para crianças na segunda infância dentro do ambiente escolar. In: TOMAZZONI, Airton *et al.* (org.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. p.139-144.
- GUIMARÃES, C.L. **Relações de gênero na escola: contribuições da prática docente para a desmistificação de preconceitos em relação ao sexo**. 2010. Monografia (Conclusão de graduação). Centro de Ciências Sociais: UFMA, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.
- JUNIOR, João Francisco Duarte. **Porque Arte-Educação**. São Paulo: Papyrus, 2002.

MAÇANEIRO, Scheila Mara. Pedagogia crítica aplicada à dança no ensino fundamental. *In*: TOMAZZONI, Airton *et al.* (org.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010, p. 211-216.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATURANA, Humberto R. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário Da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica Klaus Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.

MONTAGU, Ashley. **Tocar - o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SILVA L. O; DIEHL V. O; NETO, V. M. Narrativa escrita: Relacionando a produção de conhecimento e a formação docente. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 4. 2010. **Anais...** São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/f3p-efice/publicacoes/vera_cipa.pdf>. Acesso em: 5 maio 2013.

SILVA, João Batista. A dança-educação: instrumento de permanência dos alunos no espaço escolar. *In*: TOMAZZONI, Airton *et al.* (org.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010, p. 163-168.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 21, n 53, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 15 nov 2013.

ANEXO A – PLANOS DE AULA

AULA 1

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- Local: E.E.E.B. Presidente Roosevelt - bairro Menino Deus
- Turma: Segundo ano do ensino fundamental, turma 4, professora Simone.
- Faixa etária: 7 e 8 anos, 12 meninos e 12 meninas
- Tempo de duração da aula: 40 minutos

OBJETIVO GERAL:

- Promover a aproximação das professoras com a turma e a socialização com os colegas;
- Desenvolver o conhecimento do próprio corpo;
- Refletir a respeito do que já é conhecido pela turma sobre dança.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo (conhecendo-as através do toque);
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Estimular comandos verbais;
- Desenvolver a concentração.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas e improvisações possibilitar pequena vivência em dança bem como a reflexão a respeito do que os alunos já conhecem em dança.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla e som.

ATIVIDADES:

- 1) Meu nome, meu movimento: 10 min

A – Em roda, sentados cada um dirá seu nome e se já viu alguma dança, onde viu e o que é, se já experimentou, e o que sabe sobre dança.

B – Ainda em roda cada aluno dirá novamente seu nome e fará um movimento qualquer, de forma bem livre.

C – Faremos a mesma atividade B com a diferença que todos repetirão o nome e o movimento do colega.

2) Quem consegue?: 10 min.

Ao som de uma música, os alunos estarão dispostos pela sala, ao comando da professora o aluno deverá colocar a parte do corpo no chão, na parede ou em outro colega. Ex: cabeça, calcanhar, dois braços.

3) Poc poc: 5 min

Ao som da música, os alunos dançarão livremente pela sala; quando a canção disser poc, todos deverão fazer uma pose, quando disser dois pocs, duas poses, e assim por diante.

4) Automassagem: 10 min

Em roda, os alunos serão orientados a massagear diferentes partes do seu próprio corpo, estimulados por comando verbal.

*5 minutos da aula ficarão reservados para organização da sala.

Avaliação:

- Levará em conta a participação, a disponibilidade e o entendimento mesmo que parcial do conteúdo apresentado em aula.

RELATÓRIO:

A atividade sobre o que é dança foi bastante interessante e gerou respostas diversas, porém sempre relacionadas com um estilo específico (funk, ballet, samba). A ideia agora é desvincular a dança de um campo limitado para algo mais amplo.

No decorrer da aula os alunos mostraram-se agitados e bastante falantes, pois tinham acabado de vir da aula de educação física, porém participaram de todas as propostas.

A atividade número 3 não foi realizada por falta de tempo, ficando assim, pendente para outra aula.

AULA 4

OBJETIVO GERAL:

- Promover a aproximação das professoras com a turma e a socialização com os colegas;
- Desenvolver o conhecimento do próprio corpo;
- Explorar possibilidades e mimese do corpo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo (conhecendo-as através do toque);
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Propiciar vivência em imitação e criação;
- Desenvolver a concentração.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas e improvisações possibilitar pequena vivência em dança bem como o início de criação própria dos alunos.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla, fotos de dança e som.

ATIVIDADES:

- 1) Preparação corporal: 5 min

Através de alongamentos dirigidos pela professora, os alunos irão acordar as articulações do corpo, preparando-o para a aula de dança.

- 2) Espelho: 25 min.

A turma será dividida em 2 grupos que serão posicionados um de frente para o outro. O primeiro grupo fará as suas poses (trabalhadas nas aulas anteriores com as figuras dos postais da dança) e o segundo deverá imitar, como se fosse um espelho. Em sequência, o segundo comandará a tarefa executando as suas próprias poses.

3) Relaxamento: 5 min

Deslizando como manteiga até o chão, todos deitarão de olhos fechados e ouvirão uma música; no decorrer da atividade, serão chamados aos poucos para fazer o trem.

*5 minutos da aula ficarão reservados para organização da sala.

Avaliação:

- Levará em conta a participação, a disponibilidade e o entendimento mesmo que parcial do conteúdo apresentado em aula.

RELATÓRIO:

A aula hoje aconteceu de forma um pouco turbulenta, em função de que as propostas incentivavam um comportamento mais agitado dos alunos, mas ainda assim foi produtiva.

Inicia-se uma aproximação mais apurada entre os alunos através das atividades que acabam por facilitar este encontro entre seus participantes, mesmo que de maneira sutil.

O destaque positivo vai para João, que adorou o trabalho com as poses e se encantou com uma em específico, assim, se engajou durante a aula.

AULA 5

OBJETIVO GERAL:

- Promover a aproximação das professoras com a turma e a socialização com os colegas;
- Desenvolver o conhecimento do próprio corpo;
- Explorar possibilidades de mimese do corpo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo (conhecendo-as através do toque);
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Propiciar vivência em imitação e criação;
- Desenvolver a concentração.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas e improvisações possibilitar pequena vivência em dança bem como o início de criação própria dos alunos.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla e som.

ATIVIDADES:

- 1) Preparação corporal: 5 min

Através de alongamentos dirigidos pela professora, os alunos irão acordar as articulações do corpo, preparando-o para a aula de dança.

- 2) Mímica: 25 min.

a) Dispostos em meia lua, um aluno por vez irá para o centro da sala, fazer a mímica de um afazer diário (ex: escovar os dentes, tomar banho), os outros colegas tentarão adivinhar do que se trata.

b) Todos irão deslocar-se pela sala, cada um com sua mímica, pensando em dançar.

c) De acordo com comando verbal da professora, todos irão participar do afazer que esta disser.

Imagem: Acervo pessoal



3) Relaxamento: 5 min

Deslizando como manteiga até o chão, todos deitarão de olhos fechados e ouvirão uma música; no decorrer da atividade, as professoras passarão tocando diferentes partes do corpo dos alunos, para começar a familiarizá-los com essa prática.

RELATÓRIO:

A aula funcionou muito bem, pois os alunos se interessaram pelo tema, mostraram-se comprometidos, atenciosos e respeitadores com os colegas.

Demonstraram nesta aula, uma legitimação da figura da professora de dança como professora da turma, sendo que todos participaram de todas as atividades,

divertindo-se e aprendendo ao mesmo tempo, manifestando-se na sua hora de se manifestar, e respeitando o momento do colega.

AULA 6

OBJETIVO GERAL:

- Proporcionar a exploração de objetos;
- Desenvolver o conhecimento do próprio corpo e do outro;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo (conhecendo-as através do toque);
- Propiciar a vivência em dança utilizando objetos, e em velocidades e níveis variados;
- Possibilitar a conexão interpessoal;
- Desenvolver a concentração.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas, improvisações e manipulação de objetos possibilitar pequena vivência em dança bem como a aproximação corporal entre os alunos.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla e som.

ATIVIDADES:

- 1) Preparação corporal: 5 min

Através de alongamentos dirigidos pela professora, os alunos irão acordar as articulações do corpo, preparando-o para a aula de dança.

- 2) Dançando com balões: 25 min.

a) Os alunos deverão estar na disposição “platéia e artistas”, cada um deverá ter um balão para utilizar de acordo com os comandos da professora (partes do corpo utilizadas, velocidades e níveis).

b) Sem os balões, todos deverão “simular” a presença destes com a sua movimentação, ainda seguindo os comandos da professora.

c) Em duplas, todos deverão dançar utilizando o balão como conexão, seguindo os comandos da professora (que em alguns momentos dará a ordem para que eles dançam livremente, mas na mesma formação).

d) Em duplas mas sem os balões, todos devem simular a presença do balão como conexão para desenvolver a movimentação. Ao final desta atividade todos irão “derreter como manteiga”, mas mantendo as duplas.

3) Relaxamento: 5 min

Os próprios alunos farão o relaxamento uns nos outros, da mesma forma que as professoras o fizeram até então, sempre em duplas, para que se inicie o contato corporal.

RELATÓRIO:

A aula aconteceu de forma bastante natural e os alunos responderam, em geral, muito bem à proposta. Ocorreu algo incomum nesta aula, que foi a observação de duas pessoas (também alunos da universidade) estranhas à turma, o que gerou um pouco de agitação por parte dos alunos e insegurança de minha parte, por considerar que ainda estou em período inicial de vínculo com a turma.

AULA 7

OBJETIVO GERAL:

- Promover a aproximação das professoras com a turma e a socialização com os colegas;
- Desenvolver o (re)conhecimento do corpo do outro;
- Desenvolver o conhecimento do próprio corpo;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo (conhecendo-as através do toque);
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Propiciar vivência em improvisação.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla, pedaços de papel, fita dupla face, lápis e som.

ATIVIDADES:

- 1) Preparação corporal: 5 min

Através de alongamentos dirigidos pela professora, os alunos irão acordar as articulações do corpo, preparando-o para a aula de dança.

- 2) Partes do corpo 25 min.

a) Os alunos receberão papéis cortados e lápis, para que escrevam em cada papel uma parte do corpo que preferirem;

b) Em dupla, ao comando da professora, um colega colará na respectiva parte do corpo do outro seu papel, e este dançará com a parte do corpo que recebeu a nomenclatura, assim sucessivamente;

c) Todos juntos, dançarão com a possibilidade de mexer as partes de seu corpo que foram nomeadas.

Imagem: Acervo pessoal**3) Relaxamento: 5 min**

Deslizando como manteiga até o chão, um dos alunos da dupla deitará de olhos fechados e ouvirá a música; enquanto isso, o colega que está sentado irá tocá-lo nas diferentes partes do corpo nomeadas, retirando os papéis que estão colados.

RELATÓRIO:

Esta aula também foi observada por duas pessoas estranhas à turma e mais uma vez o fato gerou certa agitação na sala, por esta ser pequena e ter quatro pessoas de fora das atividades (contando com a professora da turma e minha dupla, ajudando).

Entretanto, as atividades foram interessantes e os alunos, no geral, aproveitaram a aula com diversão. Tive que chamar três alunos (Nicolas, João e Luan) para conversar individualmente depois da aula, pois creio que em função de estarem sendo observados, queriam a todo instante chamar a atenção, atrapalhando assim, seus colegas.

AULA 8

OBJETIVO GERAL:

- Promover a aproximação das professoras com a turma e a socialização com os colegas;
- Estimular a composição coreográfica;
- Desenvolver o (re)conhecimento do corpo do outro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer o corpo através de caminhadas e dança livre;
- Estimular a atenção;
- Desenvolver uma sequência coreográfica através de laboratórios com imagens;
- Brincar com as qualidades de movimentos e níveis;
- Propiciar vivência em improvisação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de dinâmicas com deslocamentos, músicas, improvisações e imagens possibilitar pequena vivência em dança bem como o início de criação própria dos alunos, individualmente e em duplas..

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla, pedaços de papel, fita dupla face, lápis e som.

ATIVIDADES:

- 1) Preparação corporal: 10 min

Todos os alunos devem se dispor pela a sala e iniciar uma caminhada utilizando a movimentação livremente. A professora fará a chamada neste momento; cada aluno chamado deve continuar a sua movimentação enquanto os demais ficam imóveis.

- 2) Composição através de imagens 20 min.

a) Os alunos se dividirão em duplas, cada um receberá uma imagem contendo uma pose de uma única pessoa, e uma imagem com duas pessoas por dupla. Cada um reproduzirá a sua imagem e a de dupla, os dois alunos juntos. 5 minutos de estudo;

b) Em dupla, irão executar os movimentos seguindo os comandos da professora para unir as imagens (após a imagem individual, executar um giro/pulo/movimento de braço antes de fazer a pose da dupla);

c) Dividir a turma em dois grupos para que eles possam assistir os resultados de uns dos outros.

3) Relaxamento: 5 min

Mantendo as duplas, em pé, os alunos irão massagear a sua dupla.

*5 minutos da aula ficarão reservados para organização da sala.

Avaliação:

- Levará em conta a participação, a disponibilidade e o entendimento mesmo que parcial do conteúdo apresentado em aula.

RELATÓRIO:

Houve certa dificuldade para recompor a atenção já conquistada antes das observações das aulas passadas, por ser necessária a criação de um novo vínculo professor-aluno.

Porém, apesar da agitação por parte dos alunos, a aula foi divertida e todas as atividades foram realizadas com a participação de todos.

AULA 10

OBJETIVO GERAL:

- Promover a socialização entre os alunos;
- Desenvolver o conhecimento do corpo do outro;
- Explorar possibilidades de contato entre os corpos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo;
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Propiciar pequena vivência em dança;
- Desenvolver a atenção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas e improvisações possibilitar pequena vivência em dança bem como o início de criação própria dos alunos.

ATIVIDADES:

- 1) Preparação corporal: 5 min

Através de alongamentos dirigidos pela professora, os alunos irão acordar as articulações do corpo, preparando-o para a aula de dança.

- 2) 3 comandos: 15 min.

Dispostos pela sala, os alunos dançarão livremente obedecendo aos comandos da professora (tudo, podendo dançar de qualquer forma; nada, ficando parados; e junto, ficando junto a um ou mais colegas). Os comandos poderão ser paralelos, ex: tudo, junto.

- 3) Grudados: 10 min

Dançando livremente, os alunos se juntarão a um ou mais colegas pela parte do corpo que a professora indicar, e juntos dançarão pela sala, podendo as partes do corpo ser combinadas, ex: joelho e cabeça; quatro mãos e três pés, etc.

4) Relaxamento: 5 min

Deslizando como manteiga até o chão, um colega sentará a frente do outro, que lhe fará uma massagem por diferentes partes do corpo, trocarão de lugar e repetirão a prática.

Imagem: acervo pessoal



RELATÓRIO:

A aula foi bem animada, porém as próprias atividades já sugeriam certa agitação da turma, mas isto não prejudicou o andamento das atividades, pelo contrário, só as deixou mais interessantes, com a participação, atenção e empenho de todos os alunos.

Relato da Giovanna Nascimento: A aula hoje foi muito boa! João disse que: Comando é quando uma pessoa manda e a outra obedece, como mãe e filho. Hoje aconteceu algo muito especial, no momento final da aula, pela primeira vez, Vitor tocou e se deixou ser tocado, foi muito lindo de ver sua integração com a professora e com os colegas.

AULA 11

OBJETIVO GERAL:

- Promover a socialização entre os alunos;
- Desenvolver o conhecimento do corpo do outro;
- Explorar possibilidades de contato entre os corpos.
- Brincar com níveis do espaço.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo;
- Brincar com os níveis níveis;
- Propiciar pequena vivência em dança;
- Desenvolver a atenção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas e improvisações possibilitar pequena vivência em dança.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla, som, papel e caneta.

ATIVIDADES:

- 1) Introdução da aula: 5 min

Aquecer e alongar partes do corpo e refletir sobre o que são níveis do espaço.

- 2) Grupos e níveis: 25 min

A turma será dividida em grupos de 3 ou 4 alunos, e cada grupo irá sortear a ordem dos níveis que deverão apresentar no desfile. A organização espacial da turma será no modelo plateia/artista.

- 3) Relaxamento: 5 min

Massagem coletiva em trem.

Imagem: acervo pessoal



*5 minutos da aula ficarão reservados para organização da sala.

Avaliação:

- Levará em conta a participação, a disponibilidade e o entendimento mesmo que parcial do conteúdo apresentado em aula.

RELATÓRIO:

A aula hoje foi muito especial, pois os alunos envolveram-se significativamente com as propostas que envolviam os níveis espaciais.

Muitas vezes relacionaram os níveis do espaço com o nível de dificuldade de algum jogo, o que gerou uma grande identificação da turma com o trabalho desta aula.

Destaque da aula de hoje foi o Vitor, que solidariamente se ofereceu para fazer o exercício do desfile com diversos colegas que se sentiram envergonhados.

AULA 13

OBJETIVO GERAL:

- Promover a socialização entre os alunos;
- Desenvolver o conhecimento do corpo do outro;
- Explorar possibilidades de contato entre os corpos.
- Brincar com níveis do espaço e qualidades de movimento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo;
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Propiciar pequena vivência em dança;
- Desenvolver a atenção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- Através de brincadeiras, músicas e improvisações possibilitar pequena vivência em dança bem como o início de criação própria dos alunos.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla e som.

ATIVIDADES:

- 1) Introdução da aula: 5 min

Em roda, aquecer partes do corpo introduzindo qualidades de movimento.

- 2) Morto-vivo: 5 min

De acordo com o comando verbal da professora os alunos brincarão de morto-vivo, porém com três níveis/nomenclaturas (baixo, médio e alto).

- 3) Qualidades de movimento e níveis: 20 min

a) Ainda em roda, os alunos receberão ordens da professora quanto as qualidades de movimento em diferentes níveis (carregar uma caixa pesada no nível médio, por exemplo).

b) Deslocamento pela sala realizando os mesmos comandos da etapa anterior.

c) Em duplas, grupos e no grande grupo, conseqüentemente, seguir os mesmos comandos da etapa “a”.

Imagem: acervo pessoal



4) Relaxamento: 5 min

Massagem coletiva em trem.

RELATÓRIO:

Hoje a aula despertou criatividade e imaginação e foi muito lindo de se ver os alunos participando ativamente e entrando de cabeça na brincadeira proposta.

Todos embarcamos num lindo sonho hoje, nos divertindo com as diferentes qualidades de movimento e aprendendo-as ao mesmo tempo. Os alunos se mostram cada vez mais participativos e amorosos.

A professora Simone hoje veio me procurar para elogiar meu trabalho, dizendo que vê meu progresso a cada dia. Isso me deixou muito orgulhosa e confiante para continuar!

AULA 14

OBJETIVO GERAL:

- Promover aproximação entre os alunos;
- Explorar comunicação não verbal.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):

- Aquecer e alongar as partes do corpo
- Explorar o desenvolvimento da consciência corporal;
- Brincar com as qualidades de movimento e níveis;
- Estimular o cuidado com o outro;
- Desenvolver a concentração;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Através de atividades orientadas, brincadeiras, improvisações e estímulos musicais possibilitar exploração corporal, pequena vivência em dança e criatividade.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala ampla, vendas e aparelho multimídia.

ATIVIDADES:

1)Preparação corporal: 5 min

Em roda e sentados, iniciar uma movimentação lenta, a fim de mobilizar as articulações para prepara-las para as atividades seguintes.

2) Exploração do espaço da sala com venda: 20 min

Divididos em duplas, um aluno receberá uma venda e outro não. O aluno que enxerga deverá levar o outro com cuidado, para que, juntos, explorem o espaço da sala de aula em diferentes níveis e velocidades. Trocam-se as duplas e a atividade continua.

Imagem: acervo pessoal

3 Roda do abraço:

5 min

Em roda, começara uma onda de abraços, com início na professora. O abraço vai passando de colega para colega até que todos sejam contemplados, com um abraço do “sabor” de sua preferência.

AVALIAÇÃO

- Levará em conta a participação, a disponibilidade, com comportamento e o entendimento parcial do conteúdo apresentado em aula.

RELATÓRIO:

Devido à ocupação da sala de dança, esta aula teve que ser dada no auditório da escola, o que comprometeu o tempo de aula e assim, a concentração dos alunos.

Porém, as atividades foram divertidas, com um colega guiando o outro por um espaço inteiramente novo no cotidiano das aulas de dança. Uma surpresa maravilhosa foi Luan, que fez dupla comigo por falta de colegas, e que cuidou de mim e se deixou ser cuidado por mim, lindamente.

ANEXO B - O QUE É DANÇA PARA VOCÊ?

O que é dança para mim?

Te amo pro!



A aula de dança é legal
e gosto muito das professoras.



ANEXO C - O QUÊ É DANÇA?

